

Enunciação crítica pela América Latina: (des)britanizar para edificação da latinidade acadêmico-descolonial¹

Enunciación crítica desde América Latina: (des)britanizar para la edificación de la latinidad académico-decolonial

Critical statement by Latin America: debritanize for building latinity academic – decolonial

Fábio do Vale²

Edgar César Nolasco³

Resumo

O presente trabalho busca discernir e apresentar a necessidade crítico-epistemológica de se valorar o lugar (lôcus) de enunciação atravessado pela condição de vida (*bios*) para o enaltecimento da latinidade. Esses contrapontos se fazem urgentes visto que ainda – assiduamente – a criticidade eurocêntrica arrola o cenário acadêmico latino-americano, logo, para que as fendas culturais possam ser compreendidas e, sobretudo, apreciadas, é mister que se ancore essa discussão pelas bordas que nos involucram, ou seja, que nos perpassam epistemológica e humanamente. Nos séculos pretéritos as deixas trazidas pela colonização – eurocêntrica – ainda não foram preenchidas, pois, o ancorar epistêmico grassa suas tensões grande parte das vezes pela esteira moderna. Pensar que a enunciação crítica da América Latina precisa ser valorada é dispor que as convenções cartesianas – modernas – fiquem omissas nas contribuições que nos circundam, ou seja, para que a latinidade represente nosso polo-científico-enunciativo, nossas manifestações – esteticamente – precisam partir da visada crítica biográfica fronteiriça. Para que a latinidade venha como ancoragem epistemológica veemente é preciso emergir a partir das *experivivências* e de uma sensibilidade crítico-sinestésica. Os alicerces crítico-referenciais serão: Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Edgar César Nolasco e Marcos Antônio Bessa-Oliveira cuja sustentação deste trabalho versará por disposições críticas amodernas por sensibilidades *outras*, ou seja, pela opção descolonial imbricada pela desobediência epistêmica.

Palavras-Chave: América Latina; crítica biográfica fronteiriça; latinidade; (des)britanizar; descolonização.

Resumen

El presente trabajo busca discernir y presentar la necesidad crítico-epistemológica de valorar el lugar (lôcus) de enunciación atravesado por la condición de vida (*bios*) para potenciar la latinidad. Estos contrapuntos son urgentes ya que, aún – asiduamente – la criticidad eurocéntrica enlista el panorama académico latinoamericano, para que

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Doutorando pelo Programa de Estudos de Linguagens (PPGEL) pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; professorfabioletras@gmail.com.

³ Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais; Núcleo de Estudos Culturais Comparados (NECC/UFMS); Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; ecnolasco@uol.com.br.

se pueda entender las brechas culturales y, sobre todo, apreciadas, es necesario anclar esta discusión por los bordes que nos involucran, o sea, que nos atraviesan epistemológica y humanamente. En los siglos pasados, las señales traídas por la colonización – eurocéntrica – aún no se han llenado, ya que el anclaje epistémico pasa sus tensiones en la mayor parte del tiempo a través de la estela moderna. Pensar que la enunciación crítica de América Latina necesita ser valorada es disponer que las convenciones cartesianas – modernas – se omitan en los aportes que nos rodean, es decir, para que la latinidad represente nuestro polo-científico-enunciativo, nuestras manifestaciones – estéticamente necesiten partir de la crítica biográfica fronteriza. Para que la latinidad se convierta en un anclaje epistemológico vehemente, es necesario emerger por entre las *experivivências* y de una sensibilidad crítico-sinestésica. Los fundamentos crítico-referenciales serán: Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Edgar Cézár Nolasco y Marcos Antônio Bessa-Oliveira cuya sustentación a este trabajo se basará disposiciones críticas para amodernas por sensibilidades *otras*, o sea, por la opción descolonial imbricada por la desobediencia epistémica.

Palabras Clave: América Latina; crítica biográfica fronteriza; latinidad; (des)britanizar; decolonización.

Abstract

This article aims to discern and present the epistemological critic need for appreciating the locus of enunciation crossed by life condition in order to extol the latinity. These counterpoints become urgent since – assiduously – the Eurocentric criticism lists Latin American academic scenario, so to get the cultural slits understood and, above all, appreciated, it is of great importance that this discussion is anchored by the borders which unbroken us, in other words, that crosses us both epistemologically and humanly. In past centuries, the hints brought by the colonization – Eurocentric – were not yet filled, because the epistemic anchor ranges its tensions most of the times by the modern track. To think that Latin America critical statement needs to be appreciated is to dispose that the cartesian conventions – modern ones – are omitted in the contributions that surround us, that is, for the latinity represents our enunciative scientific pole, our manifestations – aesthetically - have to come from the border biographic critical aim. To make latinity come as vehement epistemological anchor it is necessary to emerge from life experiences and from a synesthetic critic sensitivity. The critical referential basis will be: Walter Mignolo, Aníbal Quijano, Enrique Dussel, Edgar Cézár Nolasco and Marcos Antônio Bessa-Oliveira whose this work support will verse by not modern critical provisions by sensitivity *others*, that is, by the decolonial option imbricated by the epistemological disobedience.

Keywords: Latin America; border biographic critical; latinity; debritanize; descolonization.

Trazer as teorizações latino-americanas (QUIJANO, 2005, p.137) atravessadas pela crítica biográfica fronteiriça é uma necessidade – acadêmico-cultural – quando se busca enaltecer a questão da minha/nossa latinidade. É ancorado por discussões delineadas pela crítica biográfica fronteiriça, (NOLASCO, 2015, p.55) logo, pelo pensamento descolonial que partimos desse pressuposto amoderno para (des)britanizarmos o rito hegemônico-eurocêntrico que ainda nos atravessa como basilar-singular epistemológico. A criticidade latino-americana confunde-se e não se apraz – no que tange as questões latinas – quando se propõe uma teorização do lócus em que estamos e vivemos – *bios* – isso corrobora para a dificultosa disposição acadêmica de se angariar e edificar as tensões latinas que nos atravessa por nossas *experivivências* (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p.90) latino-fronteiriças, logo o presente trabalho disporá da desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008, p.288) para buscar – pelo sul-

fronteiriço – respostas cultural-literária e epistemológica que ainda, no transcorrer contemporâneo, não foram devidamente respondidas pela academia (NOLASCO, 2013 p.13) que nos leva a buscar uma libertação (DUSSEL, 2016, p.52) epistemológica.

Quando as posições eurocêntricas nos são trazidas a lume da discussão epistêmica na esteira cultural (NOLASCO, 2013 p.25) latino-americana, discernimos que temos objetos formais que precisam ser (des)teorizados. A premissa a égide dialogal que fazemos transcorrer pela enunciação *outra*, ou seja, por uma desobediência epistêmica que torna monumental a ideia de latinidade como ponto de partida. É fulcral concatenarmos nossas *experivivências* com o trâmite acadêmico que nos é posto às tensões culturais e, sobretudo, científicas por certeza dialogal que parte do Sul, ou seja, da condição periférica que somos, vivemos e enunciamos por face *outra*, logo, uma enunciação teorizada pela fronteira acadêmica, assim, latina e não moderna.

O conceito (des)britanizar é por nós teorizado como *modus operandi* para enunciar que as perspectivas acadêmico-latinas não se pautam por ancoragem eurocêntrica, mas por sensibilidades crítico-sinestésicas que permitem a opção do crítico partir dos seus atravessamentos, de vida, ciência e partícipe transitividade acadêmica, assim, ou por isso mesmo, (des)britanizar arrola a ideia de desprendimento teórico, esclarecendo ao crítico-latino a guisa da premissa teorizadora que a modernidade muito contribui para as diretrizes eurocêntricas, mas que ao ser arrastada para o eixo-Sul, não consegue – epistemologicamente – justificar, responder e ancorar uma teorização (NOLASCO, 2015, p.60) cujo cerne aprazível é a latinidade.

Buscar uma teorização que parta das nossas tensões – genuinamente – latinas é primariamente sabível que para se falar das diversificadas *experivivências* latino-americanas, a ancoragem precisa existir a partir desse lócus – latino-americano –, não podendo assim então, por aguardadas correspondências, ser subsidiada pelo atravessamento moderno (NOLASCO, 2013 p.67), com finalidade epistemológica de *publicare et propagare*, a criticidade minha/nossa precisa partir desta periferia, da América Latina (QUIJANO, 2005, p.117), deste lócus não-eurocêntrico-epistêmico. Para tanto, (des)pensar essas estéticas postas é preciso que o manifesto, ora discursivo, ora artístico, esteja condicionado pela latinidade do genuíno homem-fronteira, cuja estética cultural está na esteira de um tom enunciativo de libertação em

consonância com a ânsia de se qualificar a identidade latina por ela mesmo, não por convenção cartesiana cabível em contrastes eurocêntrico-modernos.

A difusiva deste trabalho busca ademais das convenções culturais propor que as reflexões crítico-acadêmicas grassem a indumentária latina (QUIJANO, 2005, p.125), ou seja, a libertação responsiva de um manifesto artístico-cultural pensado em tom experienciado-científico e não por razões que não compreendem as nossas fendas abertas e acaloradas pela colonização (NOLASCO, 2013 p.53) eurocêntrica. Logo, pensar que devemos (des)britanizar essa criticidade posta, é por desenvoltura acadêmica, fomentar a opção de vida e de sensibilidade, assim dizemos, a opção descolonial, não eurocêntrica, mas sim epistemologicamente amoderna.

As convenções hegemônicas – eurocênicas – comparatistas buscam, até a contemporaneidade, nutrir a epistemologia latina por atravessamentos clássico-modernos o que fere imensuravelmente a nossa identidade (MIGNOLO, 2008, p.289). Com o fito de explanar essas vicissitudes, a face latino-americana não poderia se ancorar em sustentações engessadas para falar de povos, culturas e tensões que por vezes foram aferidas como periféricas, subalternas, marginais e outras alcunhas desprezíveis aos olhos daqueles que endossam suas críticas por entre a posição oriunda do eixo-de-centro. Por assim pensar, sentir e refletir como latino-americano, não é prudente pensar em uma relação comparatista ou até mesmo classificativa quando o escore científico não emerge das mesmas condições as quais somos postos diariamente no Brasil, logo, na América Latina (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p.90).

Fomentar esses meandros discutíveis é propor que as acepções crítico-latinas estejam decisivamente distantes do ancorar moderno, partindo então para essa visada amoderna, logo, (des)britanizada. A Inglaterra por vezes ainda é vista pela massa internacional como berço das normatizações e, sobretudo, padrões, o que faz com que a apreciação mundial epistemológica se prenda também nessas convenções eurocêntrico-britânicas, dessa feita, pensar quais seriam os matizes da latinidade-contemporânea, seria urgente e sabido, (des)pensarmos qualquer modelo cartesiano-convencional, para que parta daqui, da minha/nossa América Latina, as teorizações apreciáveis com rigores atravessados pelo *bios* (NOLASCO, 2013 p.21) e pelo lócus, sensivelmente apontando pensamentos *outros*, para que a enunciação latina parta desse corpo (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p.93) latino-ferido-periférico, mas consistente epistemologicamente pelo atravessar do biolócus que me/nos circundam.

Ainda em tempo, deferimos a ideia de que as convenções hegemônicas são plausíveis aos seus/nossos *loci*, porém reconhecemos que os processos crítico-comparatistas e epistemológicos devam ser justos aos prelos históricos (QUIJANO, 2005, p.129) e culturais. Para nós latino-americanos, em caso específico o Brasil, estamos atravessados por uma cultura sincrética, logo, a imagem bugresca, ou seja, do bugre (NOLASCO, 2013, p.11), por exemplo, faz parte das nossas relações fronteiriças, uma vez que em faces limítrofe-geográficas, esses nativos cumprem não apenas papel neutro ou coadjuvante, mas sim uma intensa e rica face de pertença, notória e necessária para nós que pretendemos discernir os capítulos pretéritos, presentes e, indubitavelmente futuros da nossa condição enquanto pesquisadores da América Latina (NOLASCO, 2013 p.16).

Seja pelo (des)cortinar geográfico-representativo dos entremeios do Uruguai até a ponte final-territorial do México, em fronteira-separatista com os Estados Unidos, para decodificação e disseminação acadêmica, arrolamos para esse íterim dialogal que os impasses para chegarmos à nossa bandeira-epistêmica da latinidade então diretamente mitigados pelo afastamento crítico-moderno para um entrecruzar de fronteiras (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p.103) epistemológicas cujo diálogo Sul, parte do Sul para o próprio Sul (DUSSEL, 2016, p.52), harmonizando assim as feridas coloniais projetando nossa enunciação crítico-epistemológica cultural, humana e acendrada(mente) latino-americana.

Nossa discussão crítico-literária vislumbra disseminar que almejamos a descolonização embora ainda nos coubesse – epistemologicamente – a visada pós-colonial. O conceito que estamos discernindo nas últimas pesquisas, quando me refiro ao (des)britanizar, discerne o trajeto rítmico que devemos continuar. Meu biolocus latino-americano e suas múltiplas significações permitem-me que consigamos entronizar um corpo-epistêmico de batalha e libertação (FREIRE, 1987, p.29) pela América dos latinos meus/nossos: eu-epistêmico; yo-epistêmico; je-épistémique. Os meandros dos meus eus/nossos latinos e epistemológicos saberes-críticos destaca o mastro descolonial para hasteamos a bandeira da liberdade e respeito-valoroso latino-americano (FREIRE, 1987, p.89) quando nos referimos à enunciação periférica acadêmico-descolonial.

Em vislumbre do meu/nosso corpo-epistêmico, o alcance da discussão remonta à perspectiva social-crítica de um aliado hospitaleiro (PESSANHA, 2018, p.71), esse que agrega ou se distancia do fazer-em-dois ou do eu-fazer ou quem sabe, do não fazer. Os relacionáveis

podem ou não se encontrar num constructo de pares em um *modus operandi* cuja América Latina – por circunstanciais papeis periféricos e fronteiriços – divide ou não esses trânsitos na relação de intimidade:

Retomo as discussões feitas por Pessanha acerca da relação entre “o íntimo e o êxtimo”, e sem perder de vista a imagem/paisagem da arraia enquanto um “aliado hospitaleiro” que desbarata a relação dual entre sujeito-objeto. Em sua natureza da intimidade, ao tratar da relação do “ser-um-no-outro”, ou do “dois em um”, Pessanha afirma que tal relação fala de “uma relação específica em que crio alguma coisa na mesma medida em que sou criado pela coisa que crio”.³² Essa passagem que mostra a junção entre sujeito objeto que, por sua vez, alimenta a razão outra (“razão pós-ocidental” para Mignolo) da gramática expositiva da fronteira encontra ilustração máxima na figura da arraia e seu lugar, além de todos aqueles que a habitam e são, por conseguinte, habitados por ela: a arraia, enquanto um aliado hospitaleiro, hospeda sob seu corpoútero todos os “agrovaais” que migram para “dentro” dela, havendo, desse modo, a constituição de um único corpo fronteiriço/descolonial, uma vez que um corpo (da arraia) cria o outro corpo (dos insetos) e vice- versa. Tal relação de intimidade põe por terra a retórica dualista da modernidade presidida pela gramática separatista entre, por exemplo, sujeito-predicado e sujeito-objeto. É isso que leva Pessanha a afirmar que “a gramática sujeito-objeto, herdeira da metafísica grega da substância, impede que se nomeie o espaço íntimo” (NOLASCO, 2019, p.18).

O recorte predisposto não apenas contabiliza esse trânsito – ou falta dele – para afugentar a ideia de uma nomeação do espaço íntimo. Por isso (re)organizamos a América Latina a partir desse eixo-dialogal de dentro para fora com as sensibilidades sinestésico-epistêmicas, logo, percebo que nossa luta – de liberdade crítica na América Latina – está posta por esse cíclico processo-epistêmico. O meu espaço-*fronterizo*, meu biolócus da América de Vespúcio qualificam minha/nossa percepção donde nasci, donde penso e d’onde escrevo. Pensar a América Latina (FREIRE, 1987, p.100) como face ordinária do meu/nosso sinestésico diálogo é permitir que o olhar externo para essa leitura de-fora, parta de uma sensibilidade intrinsecamente do eu-pensado/eu-refletido/eu-compreendido como é resgatado no excerto subsequente:

O espaço íntimo aqui não está para o rol das subjetividades trabalhadas e privilegiadas pelo pensamento moderno, assim como não estaria para o “penso, logo existo” do método cartesiano que regeu toda a retórica e lógica da gramática da modernidade. Ressalvadas as diferenças, o espaço íntimo aqui estaria para o espaço fronteiriço, ou seja, aquele afora que é criado a partir do adentro. Pensando na imagem da arraia, sou levado a afirmar que a arraia em si estaria para o “íntimo”, enquanto o agroval de insetos estaria para o “êxtimo. Nessa relação de intimidade, o êxtimo significa o que há de mais íntimo, mais próximo, mais singular, mas que se encontra fora, na exterioridade. Ou seja, um afuera que não existiria sem o adentro, o íntimo, no caso o corpo hospitaleiro da arraia depositado em um lugar específico. Nessa direção, podemos entender a gramática da fronteira não como uma gramática impregnada de subjetividades, mas, sim, de intimidades, de sensibilidades, de “sêmen e de pólen”, de “trocas e infusões”, como se lê no texto “Agroval” de Barros” (NOLASCO, 2019, p.18-19).

Quando com meus irmãos latinos *compartimos* diálogo, percebo essa troca de infusões, essas que só acontecem por sensibilidade epistêmica. Considerado por mim/nós esse sinestésico-epistemológico pensar, as sensibilidades afloradas fazem com que de dentro meu não-oco-espaco latino da minha/nossa escolha de vida, esteja preenchido por uma interioridade (PESSANHA, 2018, p.72) crítico-decolonial. A questão do não olhar de dentro pelo fora, mas sim o fora pelo dentro (PESSANHA, 2018, p.72) me/nos conecta a uma interpretativa do lócus, ou melhor, do meu/nosso biolócus sinestésico-epistêmico na correlação do desapossamento (NOLASCO, 2019, p.18) pelos vocábulos: precursor, percursor, e percussor. Explicamos o porquê da leitura de campo semântico no bojo de apreciação do “aliado hospitaleiro” (PESSANHA, 2018, p.71) concatenado à América Latina (BALLESTRIN, 2013, p.89) minha/nossa do meu/nosso biolócus *fronterizo*.

Precursor é aquele primário – pré-partícipe – no caso, o tesouro-estagnado-moderno ao qual precisa o pensador-decolonial se desapossar. O percursor é aquele que transita – trafega – que percorre os liames temporais para lá e para cá, esse são os insetos (PESSANHA, 2018, p.112) que devemos desalojar para não nos impregnarmos com o perfume da academia moderna. Por última-reflexão o percussor. Aqui aquele contemporâneo solo percussionista, em que a música desse diálogo que faço em deveras não é clássica (moderna), mas melodiada desde a bossa-nova, samba brasileiro da salsa-merengue ao encanto do tango argentino e o dessorsego-tiritado da polca paraguaia. Aqui meu/nosso sujeito-epistêmico-*fronterizo* pela voz sinestésica-decolonial enuncia.

Meu/nosso espaço fronteiriço (NOLASCO, 2019, p.20), meu/nosso biolócus latino-americano rodeia essa verve que dialogamos. Sou/somos e penso/pensamos sobre e a partir – *desde* – América Latina (BALLESTRIN, 2013, p.91) com as melodias da fronteira do Sul do meu/nosso lugar (PESSANHA, 2018, p.129), assim, se estou ao som latino-americano (BALLESTRIN, 2013, p. 94), não há como dançar bailes/valsas clássico-modernas. Eis a relação sujeito/objeto (PESSANHA, 2018, p.112) que merece relevante atenção. Não podemos valsear com toda uma indumentária-europeia quando escutamos os meus/nossos merengues-*latinos*. Assim o desprendimento do sujeito/objeto da teoria crítica já deveria ter acontecido, pois, na caixa de som do meu lócus, a música continua sendo melodiada pelos salpiques-epistemológicos da polca paraguaia; do tango argentino; do samba brasileiro; do *reggaeton* contemporâneo num todo.

Então em passo que dialogamos e propomos reflexão do “ser-um-no-outro” (PESSANHA, 2018, p.110), vemos como impossibilitada uma melodia-epistêmica-moderna, pois, enunciamos meu/nosso discurso a partir da América Latina (BALLESTRIN, 2013, p.96) e não dos Estados Unidos e Canadá, muito menos Europa. Meu/nosso biolocus ou locus *fronterizo* do Sul (NOLASCO, 2013 p.14) decolonial, urge essa libertação que hasteamos a pouco naquela bandeira com *mis hermanos* da América Latina (BALLESTRIN, 2013, p.97). Prostramo-nos ao meu/nosso íntimo de caminhos epistemológicos com criticidade para trafegar sobre o êxtimo.

No bojo metafórico refletamos. No Brasil, Argentina, Bolívia, Paraguai, Uruguai, Peru, Colômbia é muito comum vermos a galinha-caipira chocar e cuidar os pintinhos da galinha-da-angola. Nesse espaço – meu/nosso – fronteiriço temos essa apreciação costumeira, valia que fazemos ao tom próximo de uma teorização. Ora, a galinha-da-angola, trazida de fora (África), veio para dentro do continente – Americano/meu/nosso – e aqui se desenvolveu com uma técnica convencional apostada pelos latino-americanos. A epistemologia do Sul (NOLASCO, 2019, p.21) me respalda para o adendo que fazemos, sobretudo, pela percepção do meu/nosso biolocus a partir de onde enunciamos. O filhote da galinha-da-angola é muito mais frágil biologicamente que o pintinho da convencional galinha-caipira. Também por *escrevivência* (OLIVEIRA, 2006, p.621) do meu corpo-*fronterizo*-sinestésico – em ter residido à infância na fazenda e na fronteira com o Paraguai –, permitiu-me a reflexão epistêmica que faço, logo, a *escrevivência* é tecida em registro à medida que recordo da minha infância interiorano-fronteiriça.

O fato da galinha-da-angola na África, pouco encontrar alimento em determinadas épocas do ano pela escassez da chuva, portanto, estiagem, ela acaba se deslocando para muito distante, atrás de alimento. Isso faz com que boa parte dos seus filhotes fique (por vários motivos) no meio do caminho. A galinha caipira cumpre outra cíclica dinâmica. Ela em seu período choco é muito mais responsável que a galinha-da-angola além de transitar por menores distâncias. Para minorar meu discurso quase biológico-epistêmico pelas minhas *escrevivências* (OLIVEIRA, 2006, p.622), digo então que os ovos da galinha-da-angola são colocados para serem chocados na galinha-caipira.

O íntimo (PESSANHA, 2018, p.110) representado pela figura da galinha-caipira recrutaria normalmente os filhotes da galinha-da-angola e aqui, onde estaria o impasse? À

medida que os filhotes – da galinha-da-angola – vão crescendo, eles produzem sons/cacarejos que denunciam sua origem de não caipirice fazendo com que a galinha se desaposse deles o quanto antes. O êxtimo (PESSANHA, 2018, p.110) aqui seria quebrado com esse abandono, pois, embora íntimo, está desvinculado do eixo-central-materno pela figura da exterioridade passando pelo deleitado eixo do “ser-um-no-outro (PESSANHA, 2018, p. 110)”. Também por reflexão contextualizada que promovi, percebo a minha/nossa América Latina. Quando Quijano retrata o reflexo do espelho (QUIJANO, 2005, p.129-130) latino que ainda reverbera sinais da modernidade. Essa libertação (FREIRE, 1987, p.17) latino-americana se dá por essa interrupção epistemológica.

Em ancorada por uma teorização autoexplicativa recordamos que no Brasil, após a Semana de Arte Moderna de 1922, a ruptura (temporária) com a cultura europeia e suas culturas-clássicas, buscava-se no/neste país canarinho, por esses artistas nacionais – do meu/nosso Brasil – um esperançar creditado na força de se cumprir a valoração dos produtos-culturais, advindos do nosso lócus, era uma estagnação pós-vanguarda para que o meu/nosso país – Brasil – pudesse customizar, valorar, disseminar e multiplicar a cultural local.

Esse meu biolócus – Brasil – sendo aberto para o restante da América Latina, ainda brinda essa preocupação dos artistas de 1922 com a Semana de Arte Moderna, sediada em São Paulo-SP. Agora o teatro precisa ser maior, não necessariamente o teatro de São Paulo. Quem sabe agora, meu/nosso sujeito-epistêmico batalhe pelo mês – não pela semana – da descolonização-eurocêntrica na América Latina. Por ver ainda no reflexo-espelhar os revérberos da identidade caricatural da modernidade, entendemos que a gramática do sujeito-objeto (PESSANHA, 2018, p.110), ainda impede que o meu/nosso íntimo, possa devolver/promover a partir do lócus latino-americano – em diálogo urgente com *mis vecinos* – a reposta que se deve dar à academia convencional-eurocêntrica.

Devemos ser voz-epistêmica para a libertação cultural (DUSSEL, 2016, p.69) latino-americana. Estaria pronta a galinha-caipira nesse espaço fronteiriço para esse desapossamento (NOLASCO, 2019, p.19) do filhote-estrangeiro? Da relação-estrangeira? Do desapossar/desmembrar do sujeito/objeto (PESSANHA, 2018, p.113)? Sugerimos que vendamos o espelho (QUIJANO, 2005, p.129) trazido da Europa para que, ao adquirirmos um espelho latino, que meus/nossos reflexos sejam dos meus/nossos eus-epistêmicos e de *mis vecinos*: eu-epistêmico; yo-epistêmico; je-épistémique latinos (MIGNOLO, 2008, p.309)

trazidos/emergidos na/da coragem desbravadora de Américo Vespúcio cuja mala carregava – epistemologicamente – as minhas/nossas-cores – matizes – latinas para colorir a fronteira-sul (NOLASCO, 2019, p.15) subalterna da minha/nossa América Latina. Cá os epistêmicos-revérberos de um íntimo-acadêmico preenchido e regado pelos suplementos da decolonialidade.

Meu biolócus (NOLASCO, 2019, p.15) mais uma vez dissemina a visada de que: aquele que dança ao som da modernidade – filosofia moderna (PESSANHA, 2018, p.110) – ainda continuará com seu eu-epistêmico oco – leviano – às respostas epistêmicas, recusando-se a reconhecer seu íntimo-fronterizo-epistemológico. Por ter elegido a descolonialidade, ancorados estamos das perspectivas contemporâneas com fortaleza genuína para *corazonar* (PESSANHA, 2018, p.138) a razão de modernidade nesse escantear-epistêmico.

As minhas *experivivências* (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p.90) coadunam as minhas sensibilidades que roçam as feridas coloniais que a modernidade nos deixou em decorrência das perspectivas fossilizadas que o mercado eurocêntrico (de)marcou pela criticidade cadavérica que até hoje nos assombra com sua face limitadora. Por isso tenho/temos vislumbrado que minha enunciação crítica passa a ser (des)britanizada pela crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015, p.55) conceito que pulveriza minha/nossa condição periférica de enunciação. Quando ainda me refiro às empregabilidades do conceito de (des)britanizar, não condeno nem muito menos abomino a contribuição eurocêntrica, apenas sistematizo que a minha visada – fronteiriça – não parte das limitações e engessamentos predicados à modernidade, mas sim, de uma sensibilidade que demonstra minhas impressões de um indivíduo crítico-acadêmico-brasileiro que versa suas questões de vida (*bios*) e de espaço/lugar (lócus) para não enunciar sobre a América Latina, mas sim e também, a partir da América Latina (BALLESTRIN, 2013, p.91).

Outro conceito que estamos articulando também é a disposição-crítica amoderna, ou seja, um olhar crítico-sinestésico que não enuncia paramentado ao tradicionalismo cartesiano, mas que locuciona a partir das minhas/nossas sensibilidades pós-coloniais (DUSSEL, 2016, p.63) – em vezes descoloniais – ao ponto de que sabemos em qual cume queremos chegar, contudo, nossos caminhos – enseada epistemológica – são *outras*, logo, sendo pós-colonial/descolonial. Consideramos importante valorar que o corpo (NOLASCO, 2013, p.62) fronteiriço de quem assim reflete é por base (des)britanizado. Nós latino-americanos (QUIJANO, 2005, p.129) enaltecemos nossa competência acadêmica quando nossas

ancoragens não partem do centro, mas assim como nós, partem/enunciam da periferia (NOLASCO, 2013, p.15), da margem cultural, assim vista pela convenção de centro.

A edificação do diálogo crítico-acadêmico em pretensão de chegarmos à enunciação da minha/nossa latinidade está diretamente ancorada ao reconhecimento – necessário – de nos desvencilharmos dos basilares não latinos (NOLASCO, 2013, p.154) para o constructo da nossa identidade latina para que, a *posteriori*, correspondamos àquilo que nos representa assim poderemos emergir com produções que não apenas nos servirão de manifesto para também *publicare et propagare*, mas também nos qualificar cientificamente. Essa libertação (QUIJANO, 2005, p.123) das bases não latinas foi/é também requerida por Aníbal Quijano e Paulo Freire. Quijano propõe uma colonialidade refutada ao poder – esse sendo de centro – como poder visto por aqueles que o querem ver e perceber como base de poder. O que quero/queremos dizer é que outro ponto assertivo do conceito de (des)britanizar que estamos propondo é que não compreendamos mais assim as culturas de centro (NOLASCO, 2013, p.38) como culturas do poder, pois, assim caminhando, daríamos importância – equivocada – crítico-cultural aos trabalhos modernos, reportando indevidamente suas conceptualizações à nossa ancoragem descolonial, que por ritos como esses, acabam nos mantendo com o perfil transeunte ainda da perspectiva e face pós-colonial quando já nos encontramos com o trânsito descolonial.

Paulo Freire convalida que a libertação (FREIRE, 1987, p.30) cívico-cultural perpassa diretamente – o que muito nos apraz dizer – pela decisão de reestabelecimento. Vendo-nos ainda como parte da face colonial (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p.102) é possível que representemos ritos clássicos – eurocêntricos – o que nos leva à perspectiva freiriana de que tomamos as vestes e agimos como oprimido epistemologicamente. Essa opressão patriarcalista utilizada como ferramenta colonial fez com que nós apreciássemos o *modus operandi* da galinha-da-angola, sobretudo, dos seus filhotes confiados à galinha caipira. Parece-nos que ao metaforizarmos essa discussão científica (MIGNOLO, 2008, p.305), compreendemos que, a nós brasileiros, periféricos (BALLESTRIN, 2013, p.100), marginalizados, nos foi confiado o cuidado e o enaltecimento da crítica-cultural assim como nos fora confiado à galinha caipira – pelo zelo maior se comparado à galinha-da-angola – o cuidado do que chegava do exterior, pois, representava maior apreço e maior esmero com as questões afetivas, criticidade que entrevemos no rito postural latino-americano da academia que erige sua latinidade.

Assim como as galinhas caipiras, os afetos (NOLASCO, 2013, p.129) latino-americanos precisaram acolher as culturas não latinas, mas logo-logo, delas nos (des)prendemos porque com elas (re)qualificamos a nossa identidade latina. Acolhemos o que de fora viera, sobremaneira, pela imposição colonial, dessa feita, não nos relacionamos afetivamente, para sim, opressivamente. Nesse ínterim epistemológico, podemos configurar que a latinidade nos chega como leitura das *experivivências* (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p.96) latino-americanas, por isso e com isso, vislumbramos a acolhida e o sincretismo cultural para descolonizarmos assiduamente com as culturas que pousam em nossa América Latina.

Nesse preciso diálogo científico (DUSSEL, 2016, p.64) dizemos que não é foco nosso pensar acerca das concepções crítico-coloniais, até porque ele não nos representa, mas, sobretudo, pensar que as nossas bases crítico-sinestésicas e epistemológicas não saem da condição eurocêntrica, pois, do contrário, caso mantivéssemos esse rito consultivo, cairíamos no que muito se tem feito na historicidade acadêmica (BALLESTRIN, 2013, p.111) representada pelo fatídico rito de debates entre teorias que discernem sobre algo e não a partir de algo ou de algum indivíduo, sua vida e seu espaço.

Quando trazemos como necessária a discussão acadêmico-cultural percebemos que o vislumbre da mesma é urgente quando buscamos bandeirar a nossa latinidade. A cultura (FREIRE, 1987, p.100) latino-americana distintamente das produções estadunidense e eurocêntrica alimenta a perspectiva cultural como tudo aquilo que temos e nos representa enquanto latinos. Vemos e vislumbramos que esse recorte permite demonstrar que não transitamos ao encabeçamento normativo-acadêmico que nos engessa a quaisquer outras visadas, quando na verdade, almejamos a descolonização, por isso nos desprendemos da criticidade produzida fora da América Latina (FREIRE, 1987, p.99). Entendemos por bem considerar que se bebemos da fonte epistêmica da outros críticos que falam apenas sobre a América Latina – não latino-americanos sendo – estamos fadamos às impressões daquilo que se pré-imaginam das nossas costumeiras ações latinas, sejam elas cívico-políticas pela majoritária conglomeração democrática em nosso espaço latino, seja em ora pela criticidade do imaginário religioso (NOLASCO, 2013, p.137) que compreende diretamente o cristianismo não cartesiano em grande parte dos corredores culturais engendrados em território latino-americano.

Nossa Senhora de Guadalupe (Virgem Maria, mãe de Jesus Cristo) que é desde 1979, pela convenção cristão-católica, outorgada pelo Papa João Paulo II, padroeira da América

Latina (NOLASCO, 2013, p.33) resguarda – culturalmente – esse rito cristão-latino não cartesiano. *En nuestra Latinoamérica* os calendários cívico-políticos abrem espaço para as conferências religiosas (QUIJANO, 2005, p.136) como foram trazidas pelos colonizadores, contudo, em lócus latino-americano, as costumeiras ações religiosas ultrapassam os ritos cristão-europeus, por exemplo, dando mais dinamismo e acesso ao povo considerado leigo pelos líderes (religiosos) da igreja católica apostólica romana na América Latina (NOLASCO, 2013, p.16).

Quando compreendemos essa cultura vernaculizada em espaço latino-americano (BALLESTRIN, 2013, p.96), percebemos que os nativos mesclados aos colonizadores perfizeram/perfazem – como exemplo – esse processo de (des)britanizar o que não significa banalizar regras ou desrespeitar dogmas, mas possibilitar perspectivas *outras*, ou seja, descoloniais. Dessa forma-maneira (re)colocamos o discernimento predito, sabe-se o cume que se pretende alcançar, então, buscar a latinidade (BALLESTRIN, 2013, p.91) é promover sensibilidades *outras* não pautadas em singular rito epistêmico comprometendo-se então a um processo não cartesiano de criticidade acadêmica, ou seja, enunciações que emergem da opção descolonial.

Abalizados por essas questões supracitadas que (re)tomamos a questão do homem-fronteira (NOLASCO, 2013, p.17). A estética *bugresca* (NOLASCO, 2013, p.116), por exemplo, pode bem representar esse delinear acadêmico-cultural que estamos (des)problematizando e isso se dá pela apreciação crítico-sinestésica que fazemos da figura do bugre, essa, indubitavelmente descolonial. Para o corpo-histórico-etimológico – moderno – o bugre representava para os colonizadores europeus (DUSSEL, 2016, p.64) indivíduos selvagens e, muitas das vezes, anticristo o que tristemente vemos como uma imposição leviana versada sobre um povo-nativo que nem outrora conhecia as circunstâncias religiosas, muito menos cristãs. Pensar a estética dos matizes bugrescos é pensar fecundamente naquele que não é um intruso nas fronteiras (BESSA-OLIVEIRA, 2019 p.103) que qualificam a América Latina, mas sim, pensar em um indivíduo-partícipe que adjetiva os guavirais nativos enquanto os camalotes transitam sobre água-corrente nos múltiplos rios latino-americanos. Esse modo científico crítico-sinestésico valorar esse olhar *outro*, logo, amoderno, descolonial sobre e a partir da América Latina.

Pelos meandros apresentados, sobremaneira, apreciados culturalmente, compreendemos que a estirpe deste trabalho convalida uma impressão que se afasta das feridas coloniais (MIGNOLO, 2008, p.299) não esquecendo minhas/suas/nossas dores presentes/históricas, mas compreendendo que a latinidade requerida nesta discussão transpõe o invólucro epistêmico e rotineiro que muito se vê na crítica cultural. Nessa esteira epistemológica – do meu biolocus latino-americano – que pensa, reflete, sente e enuncia a partir do NECC – Núcleo de Estudos Culturais Comparados da UFMS, (NOLASCO, 2018, p.19) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande-MS, capital deste estado fronteiriço com os países Bolívia e Paraguai (NOLASCO, 2013, p.32) propomos que o (des)pensar é necessário ao ponto opcional da desobediência epistêmica convencional, ou seja, a fugacidade do rito crítico-eurocêntrico de se falar majoritariamente sobre quando, em proposição descolonial, enunciamos sobre e a partir das nossas impressões, sensibilidades e questões que atravessam a nossa vida íntima cuja minhas/nossas criticidades foram silenciadas pelo sistêmico rito acadêmico-eurocêntrico quando buscávamos/buscamos a condição de um discurso periférico que nos represente genuinamente (DUSSEL, 2016, p.54). Eis uma das características do conceito de (des)britanizar, ou seja, o cumprimento da desobediência epistêmica.

Ainda que a edificação da latinidade seja peça – de destaque – da nossa discussão entendemos ser válido adentrarmos no contexto epistemológico da crítica latino-americana. No Brasil (BALLESTRIN, 2013, p.109) é bastante usual que os engendramentos crítico-culturais estejam ligados às concepções acadêmicas dos teóricos modernos isso se dá também pelo rito intrínseco e cultural de valorar o tradicionalismo espaço-acadêmico. Enquanto se discute a diferença entre a crítica acadêmica – quando nos referimos à universidade, logo, pesquisa científica – e as academias de letras que muitas das vezes recebem/incorporam seus seletos imortais cuja vida literocultural os levou até aquela instituição a descolonização transita com facilidade nos apresentando caminhos *outros* (NOLASCO, 2018, p.19) assim por melhor dizer, perspectivas e aferições não cartesianas, não singular, não moldurada, não estagnada, não convencional do simples falar sobre debruçando muitas vezes em proposições amistosas ao achismos leviano daquilo que se presume sem viver/experienciar e até mesmo conhecer com propriedade sistêmica que o permita tecer aferições com contributivas culturais e, principalmente, acadêmicas.

É buscando essa estirpe que (des)britanizamos a academia crítico-cultural moderna. Reconhecemos que o tradicionalismo crítico moderno coexistiu para que aquelas criticidades fossem levadas ao edificar do afamado cânone. Curioso quando (des)pensamos esse ponto, é refletirmos que o próprio cânone (BALLESTRIN, 2013, p.93) é formado – grande parte das vezes – por representantes amadores daquela cultura externada, cujo indivíduo recebe honrarias e congratulações mais sociais e quase nunca acadêmicas. Quem, portanto, define o cânone, ou melhor, quem reconhece/prestigia esse grupo/artista pertencente a esse topo-crítico-biográfico?

O que aqui estamos propondo é que muitos críticos literários, se quer, realizaram formações específicas na área da literatura, artes e outras afins, mas por vezes, são os alcunhados críticos literários. Por entre essas reflexões (NOLASCO, 2013, p.65) percebemos que a crítica literária por muitas décadas foi articulada como um setor de debate cultural – opinativo – sobre determinado eixo-artístico, em que mensurar saberes esteve posto à mesa da propriedade cultural (OLIVEIRA, 2006, p.622) logo, precisar em criticidade, saber ou demonstrar saber sobre determinado cerne artístico, político ou religioso para que se recebesse a credibilidade de crítico, por vezes, crítico literário é outra moeda-moderna cultivada até a contemporaneidade. Ao (des)britanizarmos esse colegiado (des)proporcionalizado, trazemos uma visada *outra* para com o que se define como cânone, pois, se na América Latina observamos – apenas – o cânone que nos fora trazido pelos colonizadores, quais serão os nosso basilares crítico-teorizadores? Por isso vislumbramos a necessidade da tomada ideológica descolonial.

Grandes nomes da literatura, da arte-geral mundial trouxeram para América Latina (DUSSEL, 2016, p.55) – pelos colonizadores – percepções filosóficas, literárias, e sociológicas ao prelo enunciativo de críticos que se quer haviam se formado nas referidas áreas, mas era entendido e se entendia com esse notório saber. Com o advento da escolarização latino-americana, percebemos que esse prelo enunciativo passou a ser (re)ordenado a medida em que os países latino-americanos passaram a angariar suas independências cívicas, nessa condição *sine que non* das compreensões pós-coloniais que muito se viu o destaque enunciativo das vozes marginais (FREIRE, 1987, p.83) de todos os transeuntes da minha/nossa América Latina. Nessa sensibilidade que me/nos toca, reverberamos esse *modus operandi* para denotar um pátria plural latino-fronteiriça que tem sido (des)britanizada pelos críticos latinos (MIGNOLO, 2008, p.290) que perceberam que suas impressões de vida logo, crítico-sinestésicas, emergiam do

seu/nosso espaço – lócus – e das suas *experivivências*, ou seja, rito de vida – *bios* – preconizando então, modos *outros*, não coloniais, não eurocêtricos de se enunciar.

Quando compreendemos que o modo *outro* (NOLASCO, 2018, p.18) – descolonial – de se propor apreciação crítico-social da e a partir América Latina, devemos considerar o que muito nos apraz discernir, que *nuestra Latinoamérica* serviu de berço e refúgio para muitos povos que – fugindo de genocídios e outras desumanidades – precisando de perspectivas não opressoras, não hegemônicas, chegaram até a periferia (FREIRE, 1987, p.55) do mundo que os acolheu, sobretudo no Brasil, para que as condições de vida – excepcionalmente de vida – lhes fossem concedidas. Enunciamos, portanto, deste lócus periférico da minha/nossa impressão de crítica biográfica fronteiriça (NOLASCO, 2015, p.59) brasileira, logo, latino-americana.

Os tristes motivos que levaram os vários imigrantes escolherem a América Latina demonstra o quão (des)britanizados – enquanto brasileiros e demais latinos – somos, por esses recortes que propomos neste diálogo, reconhecemos que a América Latina passou a edificar desde do século XIX (QUIJANO, 2005, p.122) a sua/minha/nossa latinidade a partir – e com – esses povos, que juntos aos indígenas – embora não em sua totalidade - (re)ordenaram uma cultura miscigenada o bugre (NOLASCO, 2013, p.67) que me é visto em minha/nossa árvore genealógica pelos matizes coloniais, contudo, (des)prendemo-nos dessa historicidade – em face antropológica – para des(vermos) a nossa latinidade com apreciação de um passado confundido em tristes memórias, alinhavado na contemporaneidade nosso (des)britanizar com as enunciações que não emergem dos nossos – opressores – colonizadores como rito eurocêntrico (QUIJANO, 2005, p.124), mas como credibilidade enunciativa de que manifesta sua criticidade acadêmico-descolonial a partir e sobre de onde vive, pensa, sente e erige um discurso descolonial o que edifica a nossa latinidade amoderna.

Referências

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, v.2, n.11, p.89-117, 2013. (Artigo em Periódico Digital).

BESSA-OLIVEIRA, M. A. O corpo das artes (cênicas) latinas ainda é razão e emoção! In: Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas, 2019, Campinas, SP. Anais do Simpósio Reflexões Cênicas Contemporâneas. Campinas, SP: Publicação Eletrônica, 2019. v. 4. p. 1-13. (Trabalho em Anais de Congresso).

DUSSEL, E. *Transmodernidade e Interculturalidade* (Interpretação desde a Filosofia da Libertação). In: FORNET-BETANCOURT, R. (Orgs.). *Interculturalidade: críticas, diálogo e perspectivas*. São Leopoldo: Nova Harmonia, 2004. p. 159-208. (Obra completa).

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. (Obra completa).

MIGNOLO, W. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. In: *Cadernos de Letras: U n i v e r s i d a d e F e d e r a l F l u m i n e n s e* - Instituto de Letras. Dossiê: Literatura, língua e identidade. N. 34, Niterói, RJ. 2008, p. 287-324. (Artigo em Periódico Digital).

NOLASCO, E. C. Crítica biográfica fronteiriça (Brasil\Paraguai\Bolívia). In: *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS*. Campo Grande-MS: Editora UFMS, v.7, n.14, jul.\dez. 2015. P. 47-63. (Artigo em Periódico Digital).

NOLASCO, E. C. *Perto do coração selvaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro&João Editores, 2013. (Obra Completa).

NOLASCO, E. C. *Descolonizando a pesquisa acadêmica: uma teorização sem disciplinas*. Acervo do autor. 2019, texto no prelo, p. 1-22.

NOLASCO, E. C. Por Uma Gramática Pedagógica Da Fronteira-Sul. *Cadernos De Estudos Culturais*, V. 1, P. 09-29, 2019. (Artigo em Periódico Digital).

OLIVEIRA, L. H. S. “*Escrevivência*” em *Becos da Memória, de Conceição Evaristo*. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte: Mazza, 2006. (Obra completa).

PESSANHA, Juliano Garcia. *Recusa do não-lugar*. São Paulo: Ubu Editora, 2018. (Obra completa).

QUIJANO, A (a). *Colonialidade do Poder, Eurocentrismo e América*. In: LANDER, E.(Org). *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales-CLACSO, 2005. (Obra completa).